

ALÓS, Anselmo. *Leituras a contrapelo da narrativa brasileira: redes intertextuais de gênero, raça e sexualidade*. Santa Maria: PPGL Editores / Brasília: CNPq, 2017.

CECI N'EST PAS UN CANON:
O OUTRO NA LITERATURA.

Nícollas Cayann¹

Ceci n'est pas une pipe pintou (ou escreveu?) René Magritte (1898-1967) no icônico quadro *La Trahison des Images* (1929):



René Magritte, *La Trahison des Images* (1929). Los Angeles County Museum of Art. Disponível em: <<http://www.psiulandia.com.br/ceci-nest-pas-une-pipe/>>. Acesso em: 13 de mar 2018.

Esta peça célebre da obra de Magritte vê a luz em meio ao surrealismo belga como uma resposta crítica a uma proposição linguística racionalista, na qual se acreditava, antes dos estudos de Ferdinand de Saussure, que o nome dado a um elemento tinha uma relação tão orgânica que *o nome era o elemento e o elemento era o nome*. A poesia também era posta acima de outras formas de arte, pressupondo que o valor das palavras era superior ao das imagens, por exemplo. Magritte, em uma representação extremamente realista daquilo que se

¹ Bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Pelotas; Mestre em Literatura Comparada pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana; e atualmente doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (bolsista CAPES/DS). [nicollascayann@gmail.com](mailto:nicolascayann@gmail.com)

entende como um cachimbo, destrói de forma magistral essa concepção ao expressar que tanto a imagem quanto a palavra *pipe* são representações (PAQUET, 2017).

A questão da representação e da representatividade são muito debatidas na área das Letras. Quais são as ferramentas que promovem as proporções de literariedade das obras? Quais são os mecanismos que são executados com a finalidade de promover uma obra ao *status* canônico, ou de mantê-la nesse nicho tão elitizado? É preciso questionar esses atributos; mais que isto, é necessário dar espaço às outras vozes (EAGLETON, 2006).

Tendo em conta que a literatura do tal cânone universal é aquela que se perpetua porque dialoga com “o universo” e “o universal”, e considerando que o insumo do texto literário é a língua em si mesma (WELLEK e WARREN, 2003), logo se percebe que tal feita seria impossível, visto que o cânone é feito com base em literaturas de línguas europeias e isso não assegura de forma alguma uma conversa com o universal. Mesmo correndo o risco da tautologia, línguas europeias são nativas da Europa; logo, situam-se localizadas histórica e geograficamente. Se o universal é marcado pela permanência transgeográfica e trans-histórica, nenhum artefato linguístico, por definição, pode ser caracterizado como “universal”.

Composto de artigos diversos redigidos entre os anos de 2001 a 2014, os onze capítulos do livro, **Leituras a contrapelo da narrativa brasileira: redes intertextuais de gênero, raça e sexualidade**, relacionam-se em função dos elementos de raça, gênero, sexualidade, e demais questões dos entornos da alteridade. O ano de publicação é emblemático, tendo em vista o caos institucional, político e econômico vivido pelo Brasil. Para o autor o cenário atual do Brasil torna o debate da alteridade indispensável (ALÓS, 2017, p. 7).

Os cinco primeiros capítulos do livro ficam com a tarefa de entrelaçar questões de gênero e raça na esfera da alteridade: no primeiro capítulo, o autor trata da questão da autoria feminina no romance romântico indianista e, para tanto, lida com duas obras excluídas pelo cânone: *D. Narcisa de Villar*, de Ana Luísa de Azevedo Castro, e *Gupeva*, de Maria Firmina

dos Reis. Neste capítulo, o autor faz apontamentos pertinentes referentes à exclusão dos africanos escravizados (bem como indígenas e afrodescendentes livres e/ou libertos) da construção e consolidação da ideia de nação feita através do Romantismo. Já no capítulo que segue trata de *A Rainha do Ignoto*, romance de Emília Freitas, que questiona o espaço ocupado pela mulher oitocentista na sociedade ali posta.

No terceiro capítulo, Alós põe em questão uma obra importante da literatura de cunho engajado produzida no Brasil. O romance escolhido para este capítulo é *Parque Industrial*, de Patrícia Galvão. Pagu traz em sua narrativa uma perspectiva histórica de um período de desigualdade de gênero que reflete uma realidade que cabe a grande parte da América Latina. Através deste romance de caráter profundamente comprometido com a consciência de classe, Pagu explica a mais-valia, as lutas organizadas, a exploração e outros problemas sociais da época.

No quarto capítulo, no qual Alós trabalha com os livros *Me llamo Rigoberta Menchú y así me nació la consciencia*, de Rigoberta Menchú (Guatemala), e *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, é tratada a questão da literatura de testemunho. O quinto capítulo conversa diretamente com o quarto, visto que outra vez se analisa a obra de Carolina de Jesus. Contudo, neste outro capítulo, o autor faz uma análise mais detalhada da construção da identidade afro-brasileira.

A partir do sexto capítulo, questões em torno da representação das sexualidades não hegemônicas ficam mais evidentes. O autor discute como os estudos literários podem se aliar aos *queer studies*. No capítulo que segue, Alós analisa o romance *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha, traçando um paralelo com a representação da homossexualidade e o processo de crescimento das grandes cidades e da vida boêmia das mesmas. No oitavo capítulo da coletânea, o autor coloca Fernando Pessoa e Caio Fernando Abreu em diálogo intermediado pela questão da alteridade, comparando *O Marinheiro*, de Pessoa, ao conto de mesmo nome, de autoria de Caio Fernando Abreu. No antepenúltimo capítulo, ainda tratando de Caio -

exponente gaúcho da literatura brasileira, principalmente em se tratando de alteridade - Alós promove uma visão intersemiótica entre o texto *Ovelhas Negras* (1995), de Caio e o livro *I Ching*. Ao chegar no penúltimo capítulo, tem-se uma análise filmica de *Madame Satã*, de Karim Aïnouz.

O capítulo de encerramento de Alós, talvez um dos capítulos com maior fôlego, e certamente um dos mais ousados, traz uma visão panorâmica do produto literário latino-americano, com a finalidade de aferir a recepção destes textos naquilo que tange a possível subversão dos pressupostos heteronormativos através dessas ficções engajadas (políticas).

“Essa estranha instituição chamada literatura” é uma instituição histórica na qual seus princípios políticos são muitas vezes denotados por seus autores e leitores (DERRIDA, 2014, p. 22). Mais que debater quais livros devem ou não fazer parte do cânone literário, Anselmo Alós coloca em evidências livros que não são costumeiramente atribuídos ao ideal canônico da literatura (branco, heterossexual e hegemônico). Assim como as obras literárias que estuda, Alós desenvolve um trabalho engajado, severamente comprometido com o espaço do outro e dando notabilidade acadêmica a textos pouco discutidos em sala de aula ou na academia. Se a literatura pode ser engajada, o trabalho do crítico literário, do professor de literatura e do acadêmico de Letras também o deve ser.

REFERÊNCIAS

ABREU, Caio Fernando. **Ovelhas negras**. Porto Alegre: Sulina, 1995.

_____. **Triângulo das águas**. 2. ed. rev. pelo autor. São Paulo: Siciliano, 1991

ALÓS, Anselmo. **Leituras a contrapelo da narrativa brasileira: redes intertextuais de gênero, raça e sexualidade**. Santa Maria: PPGL Editores/ Brasília: CNPq, 2017. Disponível em: <http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/livros_eletronicos/05092017-0647390>. Acesso em: 13 de mar 2018.

BURGOS-DEBRAY, Elizabeth; MENCHÚ, Rigoberta. **Me llamo Rigoberta Menchú y así me nació la consciencia**. La Habana: Casa de las Américas, 1991.

CAMINHA, Adolfo. **Bom-Crioulo**. Rio de Janeiro: Domingos de Magalhães-Editor, 1895.

CASTRO, Ana Luísa de Azevedo. **D. Narcisa de Villar**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2000.

DERRIDA, Jacques. **Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida**. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. Trad. de Waltersin Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

FREITAS, Emília. **A Rainha do Ignoto**. Florianópolis/Santa Cruz do Sul: Mulheres/EDUNISC, 2003.

GALVÃO, Patrícia. **Parque industrial**. 3. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto; São Paulo: EDUFSCar, 1994.

I CHING: o livro das mutações. São Paulo: Nova Cultural, 1989.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

Madame Satã. Dir. Karim Aïnouz. Brasil/França, 2002.

PAQUET, Marcel. **Magritte**. Köhl: Taschen, 2017.

PESSOA, Fernando. **Poemas dramáticos** (1º volume). Lisboa: Ática, 1966.

REIS, Maria Firmina dos. **Gupeva**. In: MORAIS FILHO, José Nascimento de. **Maria Firmina, fragmentos de uma vida**. São Luís: COCSN, 1975.

WELLEK, René e WARREN, Austin. **Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. .